

A MONTAGEM DE UMA PESQUISA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES E SUAS EXOTOPIAS CONSTITUTIVAS

Ludmila Thomé de ANDRADE
Faculdade de Educação (LEDOC)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Apresento neste artigo, em linhas gerais, um projeto de pesquisa em Educação, relacionado ao objeto Formação de Docentes alfabetizadores, que está inicialmente caminhando. Este projeto fundamenta-se radicalmente em certas concepções sobre a língua e a linguagem.

ABSTRACT

The paper presents a research project in the field of Education, which is related to the training of reading and writing Teachers for children in public school in Brasil. The research project is founded on language conceptions which are discussed.

PALAVRAS-CHAVE

Concepções de linguagem. Formação de professores. Pesquisa em educação.

KEY-WORDS

Educational research. Language conceptions. Teacher's training.

1. A pesquisa em Educação e a linguagem como fundamento

Apresento neste artigo, em linhas gerais, um projeto de pesquisa em Educação, relacionado ao objeto formação de docentes alfabetizadores, que está inicialmente caminhando. Este projeto fundamenta-se radicalmente em certas concepções sobre a língua. Trago para a cena deste artigo pressupostos teórico-metodológicos que se convertem nos objetivos atestados do projeto e ainda alguns elementos fundamentais para sua contextualização, que devem ilustrar o quanto uma abordagem discursiva que busca sua coerência desde seu primeiro momento, na constituição do problema e levantamento bibliográfico e não apenas “metodologicamente”, enriquece a pesquisa sobre o ensino escolar da língua materna. Se meu objeto mais amplo de pesquisa tem sido a formação docente (continuada) de professores alfabetizadores, e/ou dos anos iniciais do ensino fundamental, deste objeto emerge como aspecto incontornável a abordagem da escrita docente. Consequentemente, os gêneros discursivos tornam-se um quadro fundamental para entender a escrita de professores em processo formador. É interessante notar que no programa deste congresso da ABRALIN 2011, o eixo *Ensino de Língua* está em minoria absoluta, como tema eleito pelos linguistas e ainda que, dentre as apresentações sobre ensino, são minoritárias as comunicações que tratam especificamente deste mediador principal na escola brasileira, o professor.

Os baixos índices de aproveitamento da escola brasileira, com ênfase especial em linguagem, leitura e escrita, têm sido interpretados pela pesquisa em Educação, gerando uma diversidade de caminhos teóricos e metodológicos, a partir de vieses de abordagens científicas que buscam soluções, resultados e propostas de mudança. A Universidade como lugar de produção de conhecimento tem estado ativa em congressos, publicação de livros e realização de ações propostas, todos a respeito das inovações para o ensino da língua escrita propostas, muitos inclusive

junto a secretarias de educação de vários lugares do Brasil. Em meio a esta abundância de textos científicos, na relação que estes podem estabelecer com espaços exteriores à Universidade, aproximam-se e divergem consideravelmente os modos de intervenção na escola, pois a pesquisa em Educação pressupõe (mesmo que implicitamente, sem assumir tal fim) a possibilidade de sua aplicação, revertendo-se em benefícios para a realidade social na vivência e nos processos escolares desenvolvidos.

No Brasil, há um investimento maciço da comunidade de pesquisadores em Educação a respeito do tema da alfabetização. Grandes centros de pesquisa pertencentes à Rede Nacional de Formação Continuada do Ministério da Educação vêm atuando em programas nacionais do Ministério da Educação, nos diversos estados brasileiros. No Brasil, destacam-se o CEALE, da UFMG, e o CEEL, da UFPE. No Rio de Janeiro, as diversas Universidades públicas estão presentes no debate, com grupos de pesquisa e ações de formação de professores como o PROALE (UFF), o PROALFA (UERJ), o GRUPALFA (UFF) e o LEDUC (UFRJ). Pesquisadores ligados a estes grupos e/ou independentes atuam intensa e frequentemente nas produções da ANPED, no GT 10, *Alfabetização, leitura e escrita*. A discussão sobre a alfabetização escolar de crianças tem trazido várias propostas de princípios, concepções e formas didáticas para o ensino da língua escrita no Brasil, diretamente contextualizadas em nossa cultura. Além da importante produção de propostas para a escola, os pesquisadores vêm atuando diretamente nos PNLDs, programas de avaliação dos livros didáticos a serem distribuídos pelo Ministério às escolas brasileiras, tanto quanto dos PNBs, nas avaliações dos livros de literatura infantil e juvenil, que chegam às salas de leitura e bibliotecas escolares, bem como em programas de formação continuada, como o PRÓ-LETRAMENTO, o GESTAR e outros formatos propostos pelos diferentes Centros de Linguagem da Rede Nacional de formação de professores, são algumas dentre as muitas outras ações importantes às quais vem comparecendo a Universidade Pública, em resposta a uma

política do MEC de interpelação da Universidade pública à participação de políticas de Educação. Podemos dizer que a Universidade se vê deslocada da posição de crítica às políticas e inserida numa nova posição, de formuladora de políticas, desempenhando, por exemplo, o novo papel de formadora de professores.

Calcando-nos numa perspectiva bakhtiniana, desdobram-se planos de análise mutuamente interferentes, que devem ser tratados a partir de seus pontos de articulação e tensão, para poder produzir coerência em um texto de pesquisa. É deste modo que podemos conceber que cada texto de pesquisa difundido (oral ou escrito) que trata de ensino, de sala de aula e do professor, se quer destinado, mesmo que indiretamente, a este último agente, o docente. O seu destinatário é mais sobredestinatário (AMORIM, 2002:10) do que coautor, pretendido conscientemente pelo autor. Não há necessariamente a ilusão de que os professores lerão tais textos, elaborados na esfera de comunicação de pesquisa universitária, mas dele se apropriarão os atores ocupando diversas funções no campo educacional, por diversas vias. Então se desencadeia um processo imprevisível e ininterrupto, histórico, em que outros discursos vão sendo produzidos, reproduzidos, repetidos e respondidos. As pesquisas que se afirmam descritivas, por mais neutras que se desejem, também acabam por produzir espelhos de identidades, representações e práticas para agentes escolares, ainda que por percursos alternativos, através de interdiscursividades que inevitavelmente se operam no campo educacional (ANDRADE, 2004; BUNZEN, C., 2010; De PIETRI, 2003, KLEIMAN e OLIVEIRA, 2008; SIGNORINI, 2007; SIGNORINI e KLEIMAN. 2000).

Na pesquisa em Educação, há poucos momentos de meta-pesquisa, em que se avalie a sua própria relação com a escola, com a língua, em que a pesquisa se pense dentro de sua tarefa de fazer pesquisa. Em nosso grupo de pesquisa, temos tido esta preocupação e conseqüentemente perseguimos esta posição inicial de pesquisa, considerando-a como fundamental, para que efeitos sobre o campo possam se reverberar. É

neste sentido que a escolha do objeto *escrita docente* encerra possibilidades de análise discursiva, pois nesta se pode compreender como este sujeito escolar organiza o espaço do seu Outro, formador, autor de produções de conhecimento de pesquisa e professor universitário.

Como uma exceção que sobressai, destaco uma mesa na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), acontecida em 2000, que se tornou livro no ano seguinte, em que vários pesquisadores em Educação teceram reflexões a respeito desta interlocução, problematizando as suas impossibilidades. Regina Leite Garcia apresentou uma galeria de autores de diversos contextos internacionais de pesquisa que se perguntam sobre o entre-lugar, de identidades sociais que se inscrevem em movimentos de diálogo, de leitura de textos produzidos por uns ou outros e, de parte a parte, constituem-se, de modo híbrido. Elenca: Homi Bhabha, Michael Apple, Paulo Freire, Bell Hooks, Edward Saïd, Michael Eric Dyson, Gloria Anzaldúa, Boaventura Souza Santos, dentre outros. São autores teóricos da cultura, que concentram fogo sobre a problemática dos entre-lugares. Anzaldúa por exemplo, segundo destaca Regina Leite Garcia:

(...) advoga uma tolerância à ambiguidade, pois que aprendeu a viver a situação de ser uma indígena na cultura mexicana e uma mexicana na cultura americana. O processo de hibridização permanente que vive se revela numa rica mistura de gêneros, num tipo de patchwork de linguagens. (GARCIA: 2000)

Traduções entre linguagens sociais, múltiplas hibridizações efetivamente realizadas, são temas que vêm mobilizando autores da pesquisa em Educação. No campo de teorias do currículo, por exemplo, houve, desde a década de sessenta, um movimento de teorização em torno da relação que os pesquisadores deste campo estabeleceram com o campo escolar, sobretudo através dos professores. Antonio Flávio

Barbosa Moreira (2000) elenca cronologicamente, no capítulo deste mesmo volume, as mudanças de posição entre as duas partes desta relação, pesquisa e professores, pontuando autores que selecionou como proeminentes através das décadas: Ralph Tyler, William Pinar, Michael Apple e Henri Giroux. Em entrevista mais recentemente, este pesquisador continua a se perguntar sobre as possibilidades efetivas de diálogo entre escola e produção de pesquisa (MOREIRA, 2007). Os estudos curriculares têm buscado aproximações com as teorias discursivas da linguagem, tomando emprestados construtos e noções como respaldo para conceber seu objeto escolar.

A inovação que desejamos propor com este projeto incorre sobre uma forma de fazer pesquisa em Educação que convoca a responsabilidade, a atitude responsiva frente aos dados. A base bakhtiniana de concepção de linguagem incita o pesquisador que a compreendeu a adotar princípios coerentes para seus procedimentos de escrita de texto em Ciências Humanas. Estes princípios dizem respeito a múltiplas dimensões interarticuladas, não a uma somente: a dimensão da teoria, a da ida a campo e sua relação com os sujeitos a observar, a dos procedimentos metodológicos a adotar, a da análise e a da devolução,, todas de muita responsabilidade, por seu caráter autoral, responsável. No que diz respeito ao plano do sujeito de pesquisa, o professor alfabetizador, por exemplo, nós o concebemos como apto a assumir uma posição ativa frente às discussões e proposições dos atuais resultados de pesquisa, inclusive a nossa. Deslocamos assim este sujeito professor da posição que lhe é tão frequentemente imputada e que acaba lhe marcando como leitor, a de ser um sujeito responsabilizado, que se sente o “culpado” pelo fracasso, e assume sua responsabilidade pelo sucesso ou pelo fracasso do seu próprio trabalho com os alunos.

Podemos pontuar certamente que um dos objetivos desta pesquisa é conhecer nosso interlocutor professor, não no sentido de imprimir-lhe uma identidade profissional que lhe estaria “faltando”, que a pesquisa permitiria saber qual seja, mas no de lhe construir, a partir de uma posição

universitária de pesquisadores em Educação, uma exotopia. Até aí, o passo já é excepcional, pois não encontramos com frequência pesquisas que busquem encontrar o caráter singular da voz docente. Antes, as pesquisas querem retratar retratos desejáveis, constroem identidades ajustando a que encontram do professor ao que deveria ser, sem buscar a realidade desta prestidigitação projetada apenas pelo suposto saber da pesquisa.

A intenção inicial da pesquisa aqui apresentada será o cuidado com esta exotopia a ser construída. Depois de explicitada a exotopia, a identidade (imagem retratada) deste profissional deverá ser assumida numa relação de interlocução, em ato, de produção discursiva, que ainda está para ser refletida e refratada, atualizada, ajustada, em discursos que se desdobram no tempo histórico nas políticas de formação continuada que aproximam universidade e professores.

A construção de exotopias é trabalho preliminar imprescindível antes de partir para o diálogo, portanto. Porém, antes de conceber a construção destas exotopias, ou seja, de retratar cuidadosamente os contornos da voz docente, devemos nos ancorar num contraste, e criticar as pesquisas em torno, que incorrem em armadilhas sobre a imagem do professor. Como ponto de partida, encontramos imagens projetadas em discursos de textos de pesquisa.

Encontramos por exemplo, com frequência, a ideia de que a comunicação entre pesquisadores e professores é desajustada. Por si, estas conclusões têm consequências nefastas sobre a possibilidade de alteração de sujeitos. Apontar o desajuste sem buscar suas razões, sem se implicar nas continuidades propostas, parece-nos uma posição pouco engajada da pesquisa em seu próprio objeto, expressiva de uma posição que não interferirá, não fará deslocar-se e transformar-se o que se está observando. “Interações silenciosas” são interações ocorridas em que não há alteração de uma das partes. Marília Amorim estudou durante um certo período os meninos de rua (AMORIM, 2002 e 2003), aproximando-se destes sujeitos e compreendendo que as suas vozes eram

intraduzíveis para a pesquisa. Discute esta impossibilidade de dizer pelo texto da pesquisa como um silêncio e analisa as duas posições assumidas pelos pesquisadores em momentos históricos diferentes (anos 80 e 90):

(...) posso resumir dizendo que foi encontrada uma impossibilidade de análise dessas crianças e que essa impossibilidade marcava-se justamente por um silêncio e, ao mesmo tempo, por um discurso de total fusão do pesquisador com o ponto de vista da criança: a idealização ocupava o lugar da reflexão. O mais importante, no entanto, é poder compreender que essa impossibilidade e sua marca silenciosa não remetiam de modo algum a uma incapacidade ou a uma qualquer desonestidade da parte do pesquisador. Remetiam, sim, aos constrangimentos do regime discursivo no interior do qual tais pesquisas se produziram. (AMORIM, 2002:16)

A alteração dos sujeitos de pesquisa (e de suas ações) pela pesquisa somente pode se produzir se há alteridade, ou seja, se o Outro (e o outro do Outro) modifica-se naquele espaço, naquele momento, naquele espaço entre, dois. A exotopia se liga à ideia de cronotopo, trazendo o tempo para a análise, a duração da enunciação, dos diálogos entre dois que a vão constituindo. O deslocamento subjetivo que retrata as trajetórias docentes é assim necessariamente alteração a partir de diálogos com a pesquisa.

Pesquisas que se propõem a estabelecer um olhar sobre têm pouco contribuído para que se produzam (que os docentes possam passar a produzir) propostas de inovação pedagógica. Ao contrário, estas têm constituído uma visão negativa da escola, e de seus agentes junto a esta instituição, em relação ao espaço de produção de conhecimento universitário. Encontramos conseqüentemente barreiras, atrás das quais a escola tem se retraído.

Buscar um olhar que parta do encontro com a realidade escolar somente pode se dar se estivermos na escola, porém tendo disposição de construir um olhar exotópico. A etnografia, neste sentido, ajuda o trabalho metodológico, porém a análise do discurso e sobretudo da escrita dos sujeitos analisados parece ser a mais fértil se o que se quer é se aproximar de seu sujeito, para ser capaz de produzir uma resposta dialógica, que encerre possibilidades de continuação de trajetórias de constituição de identidades por alteridades.

Algumas abordagens sociológicas têm se preocupado em delimitar uma discussão metodológica que implica em cuidar dos modos de aproximação dos sujeitos de pesquisa, tendo em vista seu objeto mais específico. Nesta linha, buscamos realizar a sociologia do professor e podemos conceber um paralelo com as discussões teórico-metodológicas travadas sobre a pesquisa com criança (dois autores que vêm trabalhando esta abordagem são William Corsaro e Manuel Sarmiento). É preciso pensar também nos estudos de letramento, que também querem-se cuidadosos na aproximação (geralmente etnográfica) do campo pesquisado. Os estudos de letramento no Brasil têm apontado uma direção fortemente sociológica ou uma versão histórico cultural, que dialoga com a sociologia. São inúmeros os autores que têm sido citados e lidos que acompanham a produção brasileira. Nesta, destacamos, Ana Maria Galvão, Marildes Marinho, Maria Lucia Castanheira. Da base estrangeira, devemos citar: Brian Street, Bernard Lahire, Shirley Brice Heath, para ser breve.

2. A pesquisa e seus atores

Nas interações escolares, o interlocutor mais direto da criança que deve aprender a língua escrita é o professor. Em nossa pesquisa, ele será interlocutor em outra esfera, na sua formação profissional. Estaremos com este agente, adentrando a escola e trazendo-o a reflexões sobre este espaço, que é seu ambiente cotidiano de trabalho.

Esta pesquisa se propõe a atuar com os professores alfabetizadores dos anos iniciais de uma escola pequena, que tem apenas dois anos de Educação Infantil e três anos dos primeiros de ensino fundamental, numa experiência duradoura de quatro anos, de modo a demonstrar que a partir de certas formas de intervenção consciente, calcada em certos princípios teóricos que fundamentam a ideia de sujeito escolar, de linguagem nesta instituição e de conhecimento linguístico, junto aos docentes, é possível se alterar sua identidade profissional. Apenas alterando-se as identidades docentes se poderá modificar o rumo desastroso das ações escolares de ensino, que se reverberam em (não) aprendizagens discentes.

O ponto de partida é o diagnóstico sobre o estado do conhecimento sobre os modos de compreender o aluno de escola pública e suas lógicas de aprendizagem, decorrentes de suas formas de socialização inscritas na cultura. Por isto, estamos estabelecendo um levantamento sociológico (dados do IBGE) da região e organizando um perfil do alunado da escola também pela busca de seus registros escolares individuais, administrativos e pedagógicos.

Também em paralelo está sendo produzido um mapa do histórico de formação dos professores da escola. Estes têm oito a dez anos de carreira e já pesquisamos junto à Secretaria Municipal de Educação que se remontamos para trás, neste período não houve no Rio de Janeiro formações oferecidas pela secretaria a respeito do tema da alfabetização.

Não poderíamos cogitar tomar como nossos dados para uma pesquisa em alfabetização, sobre formas de ensino mais apropriadas, as produções escritas escolares infantis, de modo isolado (ABAURRE *et alii*, 1997). Também seria um equívoco tomar os professores e suas escritas biográficas ou profissionais (SOUZA, 2006; PRADO, 2005), por exemplo, sem concebê-las através das relações que se amarram em pontos de uma rede, não de dormir, mas sim de pescar, reunindo sujeitos que ocupam posições diferentes, mas são tensionadas umas pelas outras. Para fins desta investigação, esta rede, que é infinita, será recortada pelos pontos: formadores-pesquisadores, professores-profissionais, crianças-alunos.

Dentro destes parâmetros, nosso projeto assume a tarefa de uma formação pela prática com o grupo integral de professores de uma escola pequena, que têm a responsabilidade pelos anos iniciais do ensino fundamental. Estes professores estão dispostos a freqüentar um grupo de estudos teórico e prático, alternando-se quinzenalmente estas duas vertentes (estudos e análises de experiências), de modo a pensar em práticas de alfabetização inovadoras, que revertam o quadro de fracasso escolar desta escola.

A representação ainda bem precária e simplificada da armação das interlocuções a se constituírem sintetiza-se abaixo:

Pesquisador - - - - Formador - - - - Professor em formação - - - - Professores nas interações escolares - - - - - Crianças

Muito já foi escrito sobre o gesto de dar voz ao sujeito que pesquisamos, por nosso grupo de pesquisa. A síntese destes trabalhos a respeito desta questão é que mais do que embeber-se desta voz (docente em nosso caso) vale demarcar as distâncias entre a voz do pesquisador e a que identificamos como voz de nossos sujeitos, geralmente menos autorizada e legitimada socialmente.

Esta pesquisa representa a realização concreta de uma nova forma de interferência da pesquisa em Educação na realidade escolar, pela via da formação, planejada e calcada numa concepção de linguagem, em que se valoriza a escrita docente acima de tudo. Ela encerra a possibilidade de culminar no planejamento de políticas públicas em termos da possibilidade efetiva e verificada antecipadamente de sua realização. Os objetivos específicos desta pesquisa em uma breve formulação, traduzem-se por:

- I. Integração entre os profissionais professores. Pensamos em situações diferenciadas, em termos de distância entre interlocutores: 1) indivíduos que atuam em escolas diferentes, que passam a se conhecer pela via da pesquisa; 2) os profissionais de uma mesma escola, que normalmente não têm estímulo a trocar entre si e 3) por via de publicações de textos docentes, professores que lerão uns aos outros.
- II. Exploração do paradigma do professor reflexivo, que se distancia de sua própria prática e assume a tarefa de sobre ela conscientizar-se de alguns aspectos e como professor pesquisador encontrar soluções para os impasses identificados.
- III. Experimentar um novo currículo teórico-prático de formação continuada (com repercussões sobre currículos de formação inicial a ser criados) específico para professores alfabetizadores, na duração de quatro anos.
- IV. Metodologicamente, estaremos atuando interferindo junto ao campo pesquisado, um modo de fazer pesquisa estará sendo inventado que se quer político, por ser uma ação direta no campo. Neste, o dialogismo será constantemente verificado, criticado e reorientado.

A ideia de experiência nesta pesquisa afasta-se de uma concepção experimental de pesquisa, em que o pesquisador aproxima-se do campo apenas para confirmar/retratar o que já construiu como quadro teórico. Buscamos o sentido larrosiano de experiência (de Jorge Larrosa), que se apóia assumidamente na ideia benjaminiana deste conceito, segundo a qual inscrevemo-nos como sujeitos que buscam acontecimentos que se passarão, passando por nós, atravessando nossa trajetória enquanto sujeitos em constituição.

Juntamos a uma fundamentação bakhtiniana para a montagem da estrutura desta pesquisa, o paradigma do professor reflexivo. A partir deste, apostamos na disposição em escutar o professor, em fazê-lo formular em palavras seus gestos pedagógicos cotidianos. A ação de formação de diversos agentes escolares, fundando-se no diálogo com o conhecimento teórico, veiculado pelas pesquisas, terá por objetivo primordial fazê-los escrever sobre suas prática.

A extrema realização anual deste projeto será uma publicação dos textos docentes, buscando-se financiamento de alguma agência de fomento. As escritas docentes serão publicadas e disseminadas oralmente em eventos nacionais e internacionais. Nos primeiros, serão levados todos os membros da equipe, apresentando produções individuais ou elaboradas em parcerias, em co-autorias que se tornem produtivas. Também será buscado financiamento para um seminário a ser organizado, em que sejam difundidos os textos a ser produzidos, bem como debatidos, e abertas as possibilidades para outros docentes ouvirem e apresentarem suas produções. A Secretaria Municipal de Educação bem como outras secretarias de municípios vizinhos que venham a se integrar ao projeto, serão convidados privilegiados nestes eventos.

3. Que interlocuções e que exotopias?

Os resultados escolares de alfabetização efetivamente se apresentam como nefastos, decorrentes de um ensino que não está produzindo crianças leitoras. Esta pesquisa buscará produzir uma compreensão calcada na proximidade, na inscrição de pesquisadores dentro da experiência escolar docente, de modo a transfazer a situação dos atores agentes escolares, principalmente professores e seus alunos (o verbo transfazer não é um neologismo; embora seja raro, ele é dicionarizado e traduz o sentido de uma ação ativa de pesquisa, que transforma por meio de ações, ou por discursos que representam sempre ações).

Para ela, situamos as dificuldades de ensino e de aprendizagem (a relação é mútua) como dificuldades de comunicação, entre atores-sujeitos escolares. O entendimento escolar parece estagnar, em diversas situações específicas, em torno de aprendizagens que deveriam se desencadear mas não se efetuem, emperrando a interlocução que se dá pautada em lógicas, posições e discursos que produzem por um lado sujeitos de classe popular e por outro professores profissionais. Estes personagens, dentro das interlocuções, não se aproximam das posições alheias; ambos permanecem em seus pontos de partida e sentem-se constantemente (sem modificação, sem deslocamentos) estranhos aos modos de funcionar um do outro.

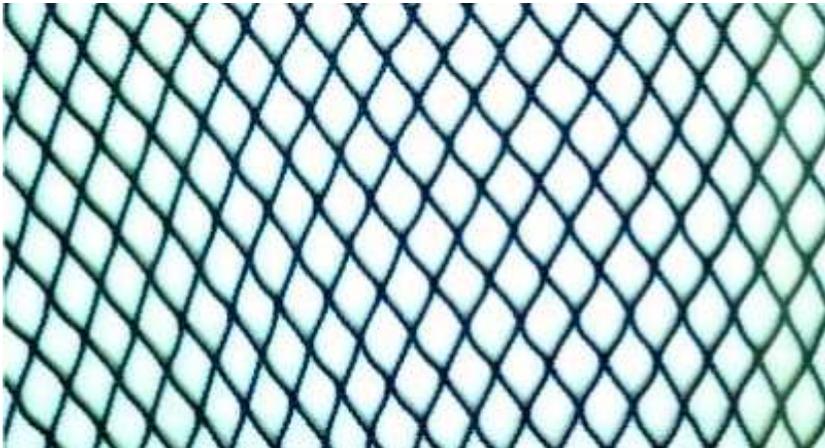
Os professores têm construído suas representações discentes de crianças de classes populares com muita estranheza. Por seu lado, as crianças têm tido muita dificuldade em compreender a língua em que a escola lhes fala. (DUBAR, 2009; DUBET, 2008; DEAUVIEAU e TERRAIL, 2007) Estas dificuldades vão fixando as identidades docentes e discentes, que estão em pleno curso de constituição, nos contextos de salas de aula, nas interações entre professores e alunos, orientadas pelos primeiros e balizadas pelos segundos. Nesta polifonia escolar, encontramos muitas dissonâncias, desafinam-se entendimentos. Mais adiante neste texto, nos deteremos sobre esta noção, a partir da metáfora da rede.

Esta pesquisa desenha-se como uma topologia que deverá permitir observar as ações e discursos ocorridos dentro da escola que constituirão identidades sociais, em interrelação, e compreender os processos de aprendizagem em curso como processos de constituição de subjetividades. Tais processos, relacionados com as figuras de aluno, professor, formador e pesquisador, mapeiam-se em articulação reticulada. Eles estabelecem cotidianamente, na cena escolar, posicionamentos mútuos e dinâmicos, nos espaços de interação criados. (CASTANHEIRA, 2004; BORTOLOTTI, 1998)

Atualmente, a constituição dos sujeitos escolares (professores, alunos e outros) depende crucialmente de uma aproximação da pesquisa de uma concepção do que sejam crianças de famílias pobres que frequentam a escola para aproximar-se de discursos constituídos e constitutivos das relações escolares entre docentes e discentes. Nossa metodologia será a da constante análise e produção de narrativas a partir dos acontecimentos trazidos por professores como relevantes. Os eventos discursivos são fabricados a partir de interações, efetivamente ocorridas, que serão destacadas como relevantes a ser narradas por professores, por escrito ou oralmente, que se esforçarão por colocá-las em discurso, em encontros entre os participantes da pesquisa.

As interações permitem situar os momentos de troca discursiva para se observar e apontar as faces dos interactantes em pleno processo de constituição. Porém apenas podem ser compreendidas numa dimensão discursiva pela tensão entre posições que ali se realizam, na enunciação da formação, em pleno ato de discurso.

Como imagem metafórica de nossa concepção de pesquisa, produzimos a seguinte imagem de uma rede, cujos nós encerrariam as tensões localizadas entre os atores, com distanciamentos variáveis, mediados por outros atores ou estabelecidos em relação mais direta, de um nó ao outro.



Estabelecemos uma topologia da formação que permite situar algumas identidades sociais em interrelação e compreender os processos de aprendizagem em curso como processos de constituição de subjetividades. Os processos, relacionados com as figuras de aluno, professor, formador e pesquisador, são mapeados em articulação reticulada, estabelecem na cena da formação posicionamentos mútuos, dinâmicos, nos espaços de interrelação criados, num dispositivo que apenas ao ser movimentado produz deslocamentos dos sujeitos na formação profissional, de aprendizagens discentes e de leitura e escrita que constituem subjetividades, na relação que os sujeitos podem ter com identidades sociais de crianças, de professores e de cidadãos com seus letramentos. Neste sentido, a rede não é apenas útil como imagem por ser um instrumento localizador, um mapa das interações que encerram possibilidades de dialogismos, mas esta imagem é também interessante por representar um instrumento de trabalho, que é lançado, para se pescar seu sustento.

A concepção desta pesquisa calca-se radicalmente numa formatação discursiva das relações escolares, o que implica em considerar as identidades que estão em jogo dinâmico, relacionando-se cotidianamente e produzindo possibilidades históricas de alteração das ações escolares. Nesta formatação, cada posição em que se inscrevem os sujeitos pode apenas ser compreendida a partir de sua relação de alteridade. Não há posição solitária, identidade isoladamente constituída, mas apenas podemos conceber discursos, que se dão em eventos concretamente enunciados, entre dois, pelo menos (BAKHTIN, 1992 e 2002).

A concepção discursiva de relações de socialização inscreve os sujeitos numa rede de relações que se realiza cotidianamente que dinamicamente os altera, se alterando, ao reforçar proximidades ou afastamentos, rompendo ou refazendo certos “nós”. Sujeitos, conhecimentos e linguagem estão em constante alteração mútua, o que significa conceber que a linguagem, ao ser apropriada por indivíduos, é alterada e o

sujeito somente se constitui pelos usos que faz da linguagem. Ainda se pode conceber esta interação lingüístico-subjetiva como produtora de conhecimento, pois alterar-se é necessariamente produzir reflexão sobre o deslocamento efetuado, um certo grau de consciência decorre necessariamente dos movimentos históricos dos sujeitos (GERALDI, 1988; POSSENTI, 2002). Fica por aprofundar teoricamente esta relação discursiva de movimento subjetivo na produção de conhecimento, porém já localizamos autores que têm abordado os processos de aprendizagem como processos de produção de sentido (SMOLKA e COLINVAUX).

Professor, aluno da escola básica e pesquisador entram nesta ação de pesquisa, pois serão todos projetados na cena, ora encarnados, ora não. Na pesquisa aqui apresentada, tratamos destes papéis porque se relacionam com identidades sociais, de crianças de classe popular e de profissionais cujo papel é fundamental na educação brasileira, por serem responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita destas crianças-alunos. Nos encontros de formação, trataremos de questões de ensino, buscando aproximar a profissionalização docente, cujos meandros ainda estão por ser compreendidos pela pesquisa, pois não têm recebido tratamento rigoroso suficiente, nem pela pesquisa, nem pelas políticas de formação. Esta também será uma vertente de nossa tentativa de contribuição.

A metáfora visual da rede, delineada acima, concebe os sujeitos que interagem na escola como cada um dos pontos em que se juntam linhas. Estas linhas de relação entre os pontos-sujeitos interligam os movimentos de aproximação e distanciamento. As ações (movimento) de um sujeito escolar têm efeitos necessariamente sobre os deslocamentos de posição dos outros todos. Escolhemos a rede não só por sua maleabilidade, mas por ser esta instrumento de trabalho, de ações, além da primeira função representativa do mapeamento das relações, com suas distâncias, tensões e mediações. Assim concebido o desenho desta pesquisa, temos nos detido sobre as interrelações exotópicas entre cada um dos três pontos principais desta abordagem proposta: o professor, a criança-aluno e o pesquisador-formador.

Os conceitos de discurso, interação, identidade docente, sujeitos de discurso, polifonia, exotopia e gêneros discursivos estiveram presentes na tessitura deste projeto, enquadrando uma concepção bakhtiniana de linguagem escolar, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da língua escrita no Brasil, sob responsabilidade e mediação de professores alfabetizadores. A pesquisa tem encontrado uma base sólida e profícua nesta teoria para compreender os processos escolares de leitura e escrita, por contemplar a abrangência dos processos humanos de produção verbal, inscritos no social¹. A visão sociológica da linguagem também tem sido um útil aparato teórico nesta direção, destacando-se os estudos de letramento. Ambas vertentes teóricas compareceram na tessitura do desenho da pesquisa aqui apresentado nas páginas acima e serão o alicerce que sustentará a coerência de seu desenvolvimento concreto.

Referências

ABAURRE, M. B., FIAD, R. S. e Mayrink-Sabinson, M. L. **Cenas de Aquisição da escrita**. Mercado de Letras: Campinas, S.P, 1997.

AMORIM, M. in KRAMER, S. et al. (orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**, 2003.

_____. **Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas** Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002 Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 7-19, julho/ 2002

ANDRADE, L. T. de **Professores leitores e sua formação – transformações discursivas de conhecimentos e de saberes** - Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

1

- _____ **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORTOLOTTO, Nelita **A interlocução na sala de aula** Martins Fontes: São Paulo, 2001.
- BUNZEN, C., **Formação continuada: divulgação e didaticidade do conceito de letramento,** Anais do ENDIPE 2010.
- CASTANHEIRA, M. L. **Aprendizagem contextualizada – discurso e inclusão na sala de aula –** Autêntica: Belo Horizonte, 2004.
- COLINVAUX, D. **Aprendizagem e construção/ constituição de conhecimento: reflexões teórico-metodológicas** Proposições Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação/UNICAMP Campinas, S.P. 2007.
- CORSARO, Wiliam **Sociologia da Infância** Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DE PIETRI, E. **A Constituição do Discurso da Mudança do Ensino de Língua Materna no Brasil,** Tese (Doutorado) defendida no IEL/ UNICAMP, 2003.
- DEAUVIEAU, J. e TERRAIL, J.-P. **Les sociologues, l'école et la transmission des savoirs** La Dispute: Paris, 2007.
- DUBAR, C. **La crise des identités: l'interprétation d'une mutation** PUF: Paris, 2009.
- DUBET, F. **Faits d'école.** Editions de l'école des Hautes études en sciences sociales: Paris, 2008.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino - Exercícios de militância e divulgação** Campinas, S.P.: Mercado de Letras - ALB, 1996.

_____. **Portos de Passagem**. Martins Fontes: São Paulo, 1990.

KLEIMAN, A. B. (org.) **A formação do professor**. Mercado de Letras: Campinas, SP, 2001.

_____ e OLIVEIRA, M. do S. (orgs.) **Letramentos múltiplos – agentes, práticas e representações** – Natal, EDUFRRN, 2008.

_____ e MATENCIO, M. de L. M. (orgs.) **Letramento e formação do professor – representações e construção do saber**. Mercado de Letras: Campinas, SP, 2005

_____ (Org.); SIGNORINI, Inês (Org.). **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. 2. ed. Porto Alegre: Artemed Editora, 2000.

MOREIRA. “A escola poderia avançar um pouco no sentido de melhorar a dor de tanta gente” in COSTA, Marisa V; da (org.) **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro Lamparina, 2007.

POSSENTI, Sirio. **Os limites do discurso**. Criar: Curitiba, 2002.

PRADO, G. do V. T. e CUNHA, R. B. (orgs.) **Percursos de autoria – exercícios de pesquisa** – Alinea: Campinas, S.P., 2007.

PRADO, G. do V. T., FERREIRA, C. R. e VARANI, A. (orgs.) **Narrativas docentes - trajetórias de trabalhos pedagógicos** – Mercado de Letras: Campinas, SP, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo e SOLIGO, R. (orgs.) **Porque escrever é fazer história**. Abaporu: Campinas, S.P., 2005.

SARMENTO, Manoel J. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância** in Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SIGNORINI, Inês (Org.) **Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores.** Campinas (SP): Mercado de Letras, 2007.

SMOLKA, A. L. in **Proposições Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação/UNICAMP** Campinas, S.P. 2007.

SOUZA, Eliseu C. **O conhecimento de si –estágios e narrativas de formação de professores-** DP&A/ Ed. UNEB Rio de Janeiro/ Salvador, 2006.